

## **OS EFEITOS DA ARTE: A ARTE “PERIFÉRICA” E A “RE-EXISTÊNCIA” DO OLHAR**

*José Marcilio de Sousa Façanha*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Email: [marcilio.marcilio@yahoo.com.br](mailto:marcilio.marcilio@yahoo.com.br)

Orientadora- Norma Missae Takeuti

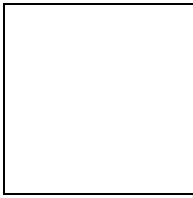


O Anjo Azul. Imagem disponível em: [www.substantivoplural.com.br/.../DAMATA/page/12/](http://www.substantivoplural.com.br/.../DAMATA/page/12/) acessado em 04/04/2011

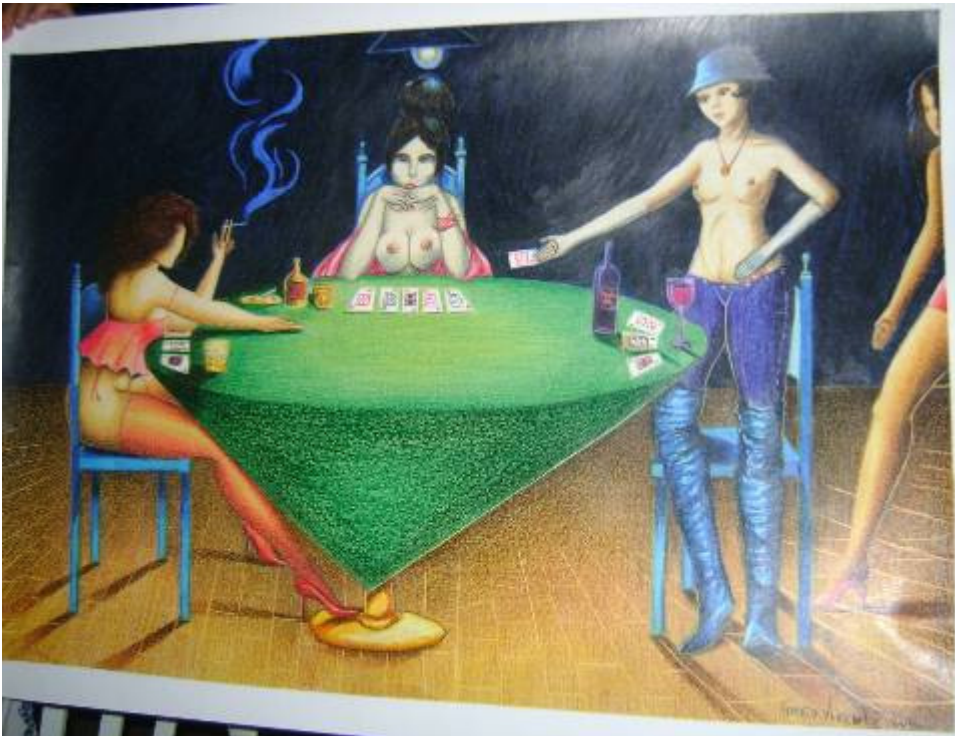
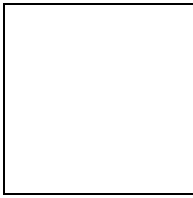
### **Arte Esquizo Erotismo e Subversão nos subúrbios ocultos da Cidade Alta**

---

<sup>1</sup>O Anjo Azul. Estátua localizada na avenida Hermes da Fonseca em Natal – RN. Imagem disponível em <http://www.overmundo.com.br/overblog/entre-hiperboles-e-superlativos-jordao>



Será redundância falar em arte-esquizo? Não teria a arte uma disposição “esquizo”, que foge ao centro hierárquico do pacto das massas? Ela, a arte, não olharia de fora, contemplaria da periferia, da esfera do social ou do seu próprio ser (esquizo) para daí se estender espalhando-se em axiomas de poesias, telas, músicas, danças, desenhos, grafites, esculturas, xilogravuras, enfim “anar-quitetas” “esquizo” projetadas sobre o sensível? O “esquizo” aqui é o mapa em que trabalham Deleuze e Guatarri em seus “Mil Platôs”, mais precisamente no volume primeiro, onde com o “esquizo” identificamos e imaginamos o múltiplo, aquele “estar na periferia”, a ocorrência em conexões rizomáticas que se estendem pelo território, ao invés de obedecerem somente a construções arborescentes ou preceitos de disposição massificantes e centrípetos. A arte esquizo nos leva agora para o giro em seu agenciamento maquínico, seu corpo sem órgãos, que se reiventa na resistência aos parâmetros organizacionais de massa, propostos pelos mecanismos disciplinarizantes da geopolítica capitalística. Suas conexões múltiplas e rizomáticas afrontam e penetram nas especificidades do solo, invadem os terrenos mais do que em suas extensões, adentrando em seus conteúdos substanciais. A arte se esparrama por territórios que são terra, globo, esfera e gente. Nós a localizamos em sua trajetória nômade expressa por mãos, pés, vozes e corpos de *esquizo artistas*. A arte que encontramos contextualizadas em “centralidades”, museus, centros culturais, pinacotecas; se está nesses locais é porque passa por caminhos diversos (mesmo que estes possam estar territorializados em contextos urbanos modernos). Lembremos que se a encontramos na “periferia” de estruturas objetivas e subjetivas da sociedade, ela também passeia e não se desconecta completamente dos territórios circulares - esferas sociais estabelecidas. Como lembram Deleuze & Gatarri “as árvores tem linhas rizomáticas, mas os rizomas tem pontos de arborescência”(Deleuze, Gatarri, 1995 p.47). Seu caminho é circular, é o sair, voltar, se esquivar, projetar-se em linhas de fuga e perceber de forma inteligível o mundo que o cerca, o sensível.

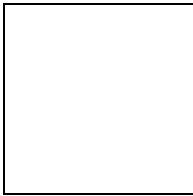


Obra de Tiago Vicente. Foto Marcilio Façanha

Guatarri nos lembra que só tardiamente a arte se separou do cotidiano da vida dos agrupamentos sociais. O autor relata que:

na história do ocidente só tardiamente a arte destacou-se como atividade específica, da ordem de uma referência axiológica particularizada. Nas sociedades arcaicas, a dança, a música, a elaboração de formas plásticas e de signos no corpo, nos objetos, no chão, estavam intimamente mescladas às atividades rituais e às representações religiosas(GUATARRI, 1992, p. 127)

Após a ruptura, ou mais precisamente a retirada dos rituais de dança, canto, música, e demais manifestações que hoje conceituamos como arte, do contexto de vida dos agrupamentos sociais, ou seja, quando passou-se da não distinção sobre o que era arte e o que era vida para os conceitos distintos de arte em suas especificidades, arte A, arte B, arte do povo C, possivelmente mudaram também as formas de apreensão cognitiva que temos dessas manifestações. Agora, em nossa conjuntura ocidental moderna, temos referenciais abstratos para nos guiar. Nossa visão se distanciou do conjunto da vida ritualizada e passou, em alguns campos sociais, para momentos de



aprensão dessa vida no contexto compartimentalizado na reprodução, ou na era das especificidades técnicas. No entanto, Guatarri exerga que dentre as ações sociais contemporâneas, as manifestações artísticas ainda pedem o seu retorno em forma de resistência ontológica frente a coerções do formato *mass media*<sup>2</sup>. Guatarri comenta que na arte, “a finitude do material sensível torna-se um suporte de uma produção de afectos e de perceptos que tenderá cada vez mais a se excentrar em relação aos quadros e coordenadas pré-formadas”(GUATARRI, Idem p.129).

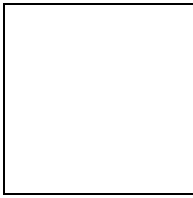
É esse universo potencial de resistência que queremos capturar. Conversamos aqui com de Tiago Vicente, artista local que já tem seu nome reconhecido lugares contenedores de práticas artísticas mas precisamente das artes plásticas da Cidade do Natal. Encontramos em seus relatos indícios de uma percurso guiado por percepções reflexivas, voltadas para seu sentimento, suas impressões cognitivas, suas impressões de pele, seu cotidiano . Deveremos agora saber mais sobre o encontro que tive com Tiago por entre as trilhas de múltiplos desvios, num lugar por onde passam também, outros nômades, esquizo artistas, vários corpos trasfigurados em devires, potências de viver.

### **O encontro com um “Nômade”**

Como devemos abordar um personagem em nossa pesquisa? Essa pergunta me deixa receoso sempre que vou à campo. Me sinto estranho naquele mundo em que estou acabando de entrar. Decido então pedir ao “estranho” que me ajude a perceber seu mundo para que venham à tona reflexões criativas propulsoras de aprendizados ecoantes em nossos aparatos sensoriais - *afectos e perceptos* que nos fazem sentir universos clamantes de “devires” resistentes a comodismos do olhar. Voltando a narrativa do encontro...Fui ao primeiro dia de exposição de obras de artistas *naifs* na

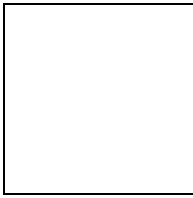
---

<sup>2</sup> O termo *mass media* é formado pela palavra latina *media* (meios), plural de *medium* (meio), e pela palavra inglesa *mass* (massa).



cidade de Natal no dia 19 de agosto do ano de 2010. Conversei com os organizadores do evento, fotografei algumas obras. O espaço da exposição é também um bar frequentado por artistas e demais pessoas envolvidas de alguma forma com o território da arte Potiguar. Quando passeava e flertava o lugar da exposição chamou-me atenção um desenho que um jovem segurava em suas mãos. O desenho mostrava a imagem de mulheres nuas jogando baralho em um lugar onde minha memória instantânea remeteu a ambientes bem arquetípicos para esse tipo de prática. No primeiro momento poderia acreditar que o quadro que vi era apenas uma reprodução de uma prática ou cena clichê de comportamentos que já permeiam espaços modernos da sociedade burguesa. Talvez uma propaganda de cigarro? Ou de um *cassino*? O fato é que para mim, não basta conhecer a obra em uma das partes. A outra parte, ou as outras, o artista, seu território, os agenciamentos circundantes completam o corpo da obra.

O quadro foi feito com uma cartolina especial para pintura e uma cêra resultante do derretimento e mistura de diversas tonalidades de outras cêras. O nômade: Tiago, trinta anos. Seu rosto parecia refletir seu desejo naquilo que estava em suas mãos, naquela imagem. Quando lhe perguntei sobre gosto artístico, Tiago revelou ser aquele seu tema preferido, o lado agressivo do mundo “suburbano marginal”, do universo depravado do lugar da moderna construção burguesa; nudez; alcoolismo e jogos. Misturado a esse prato vem a sobremesa *dark* do imaginário de Tiago, seu mundo sombrio e fantástico adquirido em suas trajetórias errantes. Tiago com 7 anos de idade, ainda no Estado da Bahia, descobriu seu talento através do reconhecimento de seus colegas de mesma idade e de seus professores do ensino escolar. Tiago buscou aprimorar seus desenhos, e na adolescência na cidade de Natal, buscou inspiração para continuar produzindo desenhos e pinturas que o destacariam e o colocariam em evidência em um universo opressor de “reproduções idênticas”, cópias e cópias. Tiago percebeu que sua arte lhe mostrava outras trilhas. Não tardou para tiago encontrar outros seres semelhantes em disposição e potência. Na adolescência conheceu Assis Marinho, já renomado pintor residente em Natal –RN com exposições por



várias partes do território brasileiro, porém, não menos esquivo por isso, pelo contrário, bem dentro da trilha que buscamos investigar, esse artista se tornou importante no caminhar de Tiago.

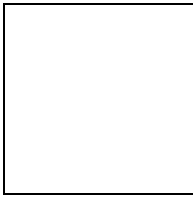
Tiago aos 20 anos de idade seguiu viagem com Assis Marinho, aprendendo e desaprendendo, construindo algo e destruindo também. Passagens desniveladas, altos e baixos, fome, violência e drogas. De outra perspectiva: diálogos sobre múltiplos olhares, devires inenarráveis, sonhos traduzíveis e que também não devem ser. Aplausos e portas abertas, a fama e o “Beco da Lama”, caminhos dos quais Tiago decide percorrer tal como “o louco” do Tarô de Marselha, onde o “louco” é um andarilho, enérgico, ubíquo e imortal. É o mais poderoso de todos os Trunfos do *Tarô*. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida com as suas travessuras”(SALLIE 2007, p.39).

Tiago em nossa conversa demonstrou muito apego aos momentos passados com Assis Marinho em suas viagens pelo Nordeste a fora. Em exposições de Assis, como ajudante, como amigo, houveram momentos de grande aprendizagem para esse artista que diz nunca ter frequentado uma escola de arte, seu aprendizado foi na convivência com a vida mesmo, nos caminhos da arte pulsante nas veias das ruas.

Segundo Tiago, Assis pinta o triste dos traços de figuras tradicionais do imaginário social como a Santa Ceia, a família cristã, etc. Tiago também diz pintar o triste, mas o triste do submundo urbano em que vive. Tiago diz que Assis Marinho pinta a miséria em que viveu, a fome que passou no sertão nordestino e a ausência de perspectivas que Assis perpassou. Tiago diz que tinha tudo aqui, mas também por outro lado, muito lhe faltava, ou ainda lhe faltava o que seria importante: seu caminho livre e seu pensar liberto, sua arte como propulsora de suas vontades e a vida vestida de possibilidades e devires.

Tiago pinta os fantasmas que lhe assombram e os lobos que o libertam. Sua arte é esquivo e o seu pensamento é nômade. Sua obra é como um corpo sem órgãos que é:

tanto biológico quanto coletivo e político; é sobre ele em que os agenciamentos se fazem e se desfazem; é ele o portador das pontas de desterritorialização dos agenciamentos ou linhas



de fuga. O corpo sem órgãos varia (o da feudalidade não é o mesmo do capitalismo)<sup>3</sup>. Se o denomino corpo sem órgãos, é porque ele se opõe a todos os estratos de organização, tanto aos da organização do organismo quanto aos das organizações de poder. (DELUZE 1994, p.07).

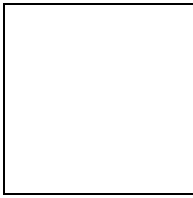
Poderíamos definir o estilo de Tiago? Como poderíamos pensar parâmetros para essa porposta “rizomática” que não pára dentro de um quadro só e permanece em constante transformação? Quem sabe esse poderia ser um estilo. Rocha (2007) nos lembra: “o estilo é diferença pura, que não opera a partir de um modelo (de uma identidade que lhe serviria de fundamento), mas a partir de si mesmo: não há um primeiro termo a ser repetido” (Rocha in Lins Org. 2007, p 300).

No quadro de Tiago encontramos três mulheres semi nuas jogando baralho em uma sala. Há ainda uma quarta mulher que parece querer participar do quadro. A parede, ao fundo é preta, a fumaça do cigarro de uma das mulheres lembra traços de tatuagens de estilo tribal. Essa mesma mulher que fuma foi retratada sem rosto. Uma outra que está de pé, com os seios à mostra, mostra a carta que tem na mão anunciando seu trunfo ou sua perdição. Aquele parece ser um jogo de *pokêr*. São cinco cartas no *pokêr* e a habilidade neste jogo depende da capacidade de lhe dar com a situação presente. Sua coragem pode se colocar em forma de *blêf* quando as cartas não são favoráveis, ou o jogador pode desistir de apostar e tentar a “próxima mão” como diz o jargão utilizado por alguns jogadores de baralho. Você pode ainda arriscar, mesmo com um jogo ruim em mãos e testar a coragem dos demais. As garrafas de vinho na mesa e a disposição das personagens parecem rememorar rituais dionisíacos tratados nos discussos mitológicos. O erotismo do quadro parece ser também profano e de disposição selvagem. A sutileza se reinventa nos jogos de azar, cigarros e bebidas, assim como nas noites boêmias de Natal.

No fim de nossa conversa, perguntei a Tiago o valor daquela obra. Tiago diz que ela já havia sido vendida - até chamou o comprador para que eu

---

<sup>3</sup> Parêntese do Autor.



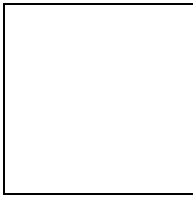
pudesse conhecê-lo. A obra foi vendida pela quantia aproximada de quinhentos reais. Essa é a média de preço das obras com a assinatura de Tiago Vicente..

Essas são algumas das manifestações de artistas que implodem e emergem de esferas sociais diversas, de devires criativos múltiplos, de ressignificações de sentidos (do sentir na pele mesmo) e da reverberação da vida em sua subjetividade polissêmica. Podemos destacar que a arte, no campo em que trabalhamos, da arte nômade, pode possibilitar-nos acessos à diversidade, ao múltiplo, às diferentes esferas sociais e do cotidiano que habita em cada um.

### **Do sertão da Paraíba a consagração marginal da arte no “Beco da lama”.**

Natural de Cubati, sertão da Paraíba, Assis Marinho vem ainda criança para o Rio Grande do Norte com a família. Filho de escultor de imagens sacras, Walfredo Marinho, Assis envereda pelos caminhos do desenho e pintura ainda na infância. Seu nome é atualmente reconhecido no meio artístico Potiguar. Suas obras já ilustraram exposições em grandes centros culturais do estado do Rio Grande do Norte e demais estados brasileiros. Suas obras nos levam à imagens sacras, imagens do cotidiano sertanejo, cenas corriqueiras de pescadores natalenses e até quadros em homenagem a personagens da literatura mundial como “Dom Quixote de la Mancha”, personagem da obra de Miguel de Cervantes que encantou Assis Marinho, e que, para demonstrar seu amor ao personagem, o artista pintou mais de 1500 obras retratando a figura do famoso “cavaleiro andante”.

Além de participar de importantes exposições no Estado do Rio Grande do Norte, Assis Marinho já expôs suas obras no: Museu de Arte Contemporânea - MAC - São Paulo/SP - 1983; Mostra Livro da Praça da República – São Paulo/SP 1979; Casa da cultura de Votuporanga - Votuporanga/SP 1979. Meu encontro com esse artista se deu no primeiro semestre do ano de 2010 no que é hoje um dos principais redutos de artistas plásticos potiguares, o “Bardallo’s Comida e arte”. Um encontro repentino que rendeu uma conversa longa e me levou a investigar e me debruçar sobre os passos desse artista. Assis Marinho contou-me de sua trajetória desde a infância no sertão da Paraíba até os

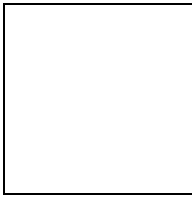


dias atuais, sua dependência química e demais problemas relacionados ao alcoolismo. Assis andava de mesa em mesa tentando vender uma de suas mais recentes obras em giz de cera. Era uma imagem da Santa Ceia que infelizmente não pude fotografar no momento nem pude comprar devido ao alto valor pedido pelo artista no momento.

A Fama de Assis Marinho no Estado é constatada facilmente, bastam algumas visitas as galerias de arte particulares, sebos, alguns estabelecimentos de pequeno porte da cidade e também em blogs da internet destinados ao trabalho do artista. Apesar disso, sua importância frente aos aparelhos culturais do Estado do Rio Grande do Norte ainda é tímida ou quase nula. Para o atual diretor da Pinacoteca do Estado – Novenil Barros, Assis Marinho, apesar de ser considerado um talentoso artista, permanece no “semi-anonimato” devido em parte a falta de políticas direcionadas ao campo das artes plásticas que venham a dar maior amplitude ao trabalho de artistas como Assis e em parte também a postura do Próprio Assis Marinho, segundo Novenil a postura “anárquica” e por vezes auto-destruidora de Assis estaria prejudicando sua própria promoção frente aos aparelhos políticos de promoção cultural e artística.

Demais artistas potiguares como Newton Navarro e Dorian Gray Caldas já tem seus quadros em exposição permanente na pinacoteca do Estado. Newton Navarro por exemplo dá nome a uma das maiores obras arquitetônicas da Cidade do Natal dos últimos anos: a ponte “Newton Navarro” uma obra grandiosa que liga zona norte a zona sul da cidade. No entanto Assis Marinho, Jordão e Tiago Vicente são figuras ainda marginais a esse programa. São artistas que dobram e se desdobram por axiomas de agenciamentos sociais diversos. Por vias múltiplas procuro para minhas investigações perceber os efeitos dessa arte para a cidade do Natal.

Mais que uma preocupação para com a obra em si ou seus supostos “significados” visais, busquei aqui percepções que trasbordam dessas obras e se espalham para além das galerias, invadem a subjetividade das ruas e dos becos deixando rastros e esculpindo olhares. A cena “*underground*” das artes plásticas potiguares é ao mesmo tempo mãe e filha da continua atuação de artistas que por configurações várias insistem em saborear o devir sempre clamante de liberdade e desejo, cores e sensações que a o cotidiano transmite.



Obra de Assis Marinho. Imagem disponível em: [http://www.geraldo2006.com/producao/interna\\_noticia.php?cds=100&cdn=651#](http://www.geraldo2006.com/producao/interna_noticia.php?cds=100&cdn=651#)  
Acessada em 04/04/2011

## **RESGATANDO OLHARES- AS CRIAÇÕES DE JORDÃO**

A entrada do Edifício Kefrem em Natal RN nos convida para um passeio por conexões artísticas que se espalham pelas paredes, mas não em forma de quadros que se encontram no exterior da parede, mas no próprio interior da construção de cimento, massa e tijolo, onde podemos ver emergir o mirmidão Aquiles<sup>4</sup> em sua carruagem, após ter vingado a morte de Pátrocolo seu sobrinho, matando o maior guerreiro do lado troiano, o príncipe Heitor.

A imagem que veremos abaixo é uma das muitas obras que o artista José Jordão Arimateia, 58 anos, filho de lavadeira, esculpiu na cidade de Natal. De origem pobre, Jordão disse que sempre teve vontade de ser artista, só não sabia em que. Ainda criança, brincando de desenhar em chão de terra, Jordão foi revelando um bom domínio da arte de desenhar, sendo reconhecido e elogiado pelos que passavam e viam seus desenhos. Sim, os desenhos eram na terra, não deveriam durar até a próxima chuva ou até a próxima rajada de vento, mas se territorializavam no imaginário daquele garoto que reiventava sua realidade e resistia às condições adversas com o que tinha em mãos. Sua máquina de guerra se encontrava na relação de seu corpo emergente de devir múltiplo territorializando e desterritorializando. Sua subjetividade corria por inventividades guiadas por gravetos que riscavam o chão.

---

<sup>4</sup> Aquiles é um mito apresentado por Homero( poeta grego que viveu nos séculos VIII ou VII antes de Cristo) como o principal guerreiro da batalha de Troia.

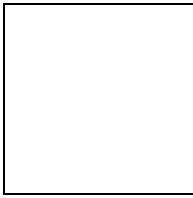
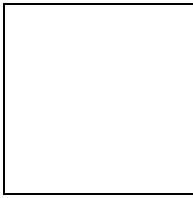


Imagem de Aquíles após duelo contra Heitor. Personagens de A odisséia de Homero Foto: Marcilio Façanha. 06/06/2010.

Jordão se considera, pintor desenhista, escultor e entalhador. Em nosso primeiro contato, Jordão informou que gosta de trabalhar com material que seja de fácil acesso para ele. Essa obra, além de muitas outras do tipo, foram feitas apenas com, tinta de parede, verniz, cimento e massa. Jordão revelou ainda não ter conhecido outro artista que faça uso da mesma técnica. Em uma exposição na cidade de Fortaleza, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, promovida pelo Governo do Estado do Ceará, onde haveria premiação para o melhor trabalho artístico em diferentes categorias, Jordão relatou que teve que ensinar um outro artista, sua técnica para que houvesse ao menos um candidato concorrendo com ele na mesma categoria.





O anjo Azul: Imagem disponível em: [jornaldeartes.blogspot.com/2010\\_07\\_01\\_archive...](http://jornaldeartes.blogspot.com/2010_07_01_archive...) Acessado em 04/04/2011

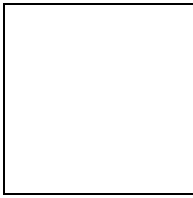
Foi muito esclarecedor como elemento de pesquisa, o primeiro encontro com Jordão. Foi uma das primeiras conversas com um artista em Natal, Rio Grande do Norte. Após esse encontro foi perceptível a vontade de descobrir esse universo múltiplo aqui interpretado na fala de Jordão, e quem sabe acompanhar essa caminhada rizomática pelo universo artístico para expandir minha visão. Logo, continuei buscando os rastros da arte ezquizo, e após topar com o Anjo Azul, esbarrei com uma exposição *naif* no Bardallo`s.

## **EU VI ARTE NAIF NO “BECO DA LAMA”**

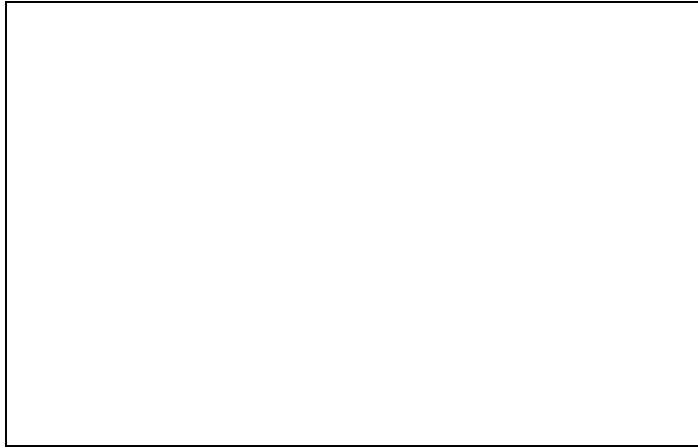


A lenda do bicho de revelação. Autor: Cícero Marques. Foto Marcilio Façanha

Em um folhetim de eventos culturais distribuído gratuitamente na cidade de Natal, me chamou atenção um evento que aconteceria em um dos centros comerciais da cidade. Aconteceria no espaço chamado Bardallo`s e a exposição foi intitulada de Coletiva Naif. O evento pretendia expor a junção da Arte Naif com o imaginário do



folclore brasileiro. *Naif*, no Latin *nativus*, no Francês *naif*, cujo adjetivo correspondente seria o termo cândido ou ingênuo. Podemos considerá-la também, como a arte da autenticidade e da espontaneidade instintiva. Um estilo de pinceleada com muitas cores e sem muita preocupação com noções de profundidade, nem perspectiva, somente pinceladas preenchidas e uma pintura chapada, que beira traços infantis (ou quem sabe resgata?). Em meados do século XIX Henri Rousseau, francês sem nenhuma formação acadêmico-artística, expõe seus quadros no *Salon des refusés* (salão dos recusados), onde foi acusado pela crítica do campo artístico da época, de ignorar regras elementares de desenho, perspectiva e de empregar as cores de modo arbitrário.<sup>5</sup>



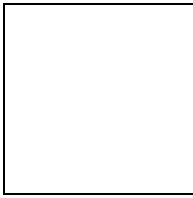
Henri Rousseau: A Guerra, 1894. Imagem disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Henri\\_Rousseau](http://pt.wikipedia.org/wiki/Henri_Rousseau)

De artista embusteiro e sem talento, Rousseau viu no século seguinte sua fama mudar ao ter seu trabalho reconhecido e elogiado por expressivos nomes da pintura, como Pablo Picasso. Com seus traços simples e autênticos o autodidata Henri Rousseau se transforma tornando-se peça importante na arte mundial.

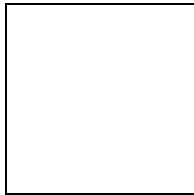
Em minha primeira visita a uma exposição de quadros que se "assemelhariam" ao estilo *naif*, digo assemelhariam pois o artista *naif* não segue nenhuma escola, pinta com todo seu espírito primitivo, sem se reportar a noções e técnicas científicas de pintura, senti um certo impacto ao enxergá-las, num primeiro olhar, como parte de minha proposta de pesquisa sobre arte-esquizo, arte nômade. Pensei: será que estas obras não estão apenas retratando o cotidiano sem qualquer enfrentamento, resistência ou discussão? Cándido engano, é uma das manifestações artísticas que apresentam tanta multiplicidade de linhas de fuga e nomadismo que fica difícil até enxergá-las,

---

<sup>5</sup> Conferir em : <http://www.historiadaarte.com.br/artenaif.html>



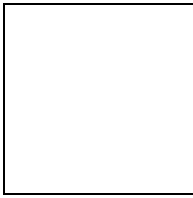
mesmo quando nos defrontamos cara a cara. Imagine-se caminhando por um cenário corriqueiro, aquele que somos acostumados a ver no cotidiano, mas não prestamos atenção pelo fato das imagens presentes na cena não fugirem a nossa rotina. Uma parte de nossa memória funciona, mas aquela que nos leva a apreensão e reconstrução dialógica de nosso habitar só vem com a contemplação. É só na contemplação que poderemos transcendê-la e acredito ser essa uma das propostas *naif*, a transposição de uma contemplação pura e pueril para as telas, sem amarras ou prisões, desapegada de escolas e sistemas disciplinares, pois “contemplar é questionar”(DELEUZE 1988, p.81)



A lenda do Boi e seu Capitão. Autor: Newton Avelino, ano 2010. Foto Marcilio Façanha.

Agora revejo a cena e entro no território *naif* com um segundo olhar, o que Kastrup (2000) chama de “experiência de problematização” que ocasionaria processos de aprendizagem, pois, segundo a Autora “a aprendizagem começa quando não reconhecemos, mas, ao contrário, estranhamos, problematizamos” (Idem, 2008 p. 208). A arte *naif* retrata a ação em um olhar imaginativo, que faz referência a uma nova disposição a partir da criação de uma obra de arte que reinventa o cotidiano sob as mãos do artista. O artista *naif* desenha seu habitar. Seu corpo realiza um movimento de contração entre o passado e presente, pois “é contraindo que somos hábitos, mas é pela contemplação que contraímos. Somos contemplações, somos imaginações, somos generalidades, somos pretensões, somos satisfações (DELEUZE 1988, p. 78)”. Essa contração é uma resposta de nossa subjetividade as experiências passadas e do presente - uma linha de fuga que nos liberta para um novo campo do olhar e da vida.

## **Bibliografia citada**



DELEUZE, Gilles. **Desejo e Prazer**. Magazine Litteraire. Paris: Material *online* disponível em : <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art06.pdf> . 1994

\_\_\_\_\_. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Cultrix, 1998. Maerial *online* acessado em 20 de agosto de 2010 no endereço eletrônico: : [http://www.4shared.com/file/125263314/1f8e2ccd/DELEUZE Gilles Diferena e Repetio.html](http://www.4shared.com/file/125263314/1f8e2ccd/DELEUZE_Gilles_Diferena_e_Repetio.html).

DELeUZE, Gilles; GUATARRI Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Editora 34. 1995.

GUATARRI, Félix. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34. 1992.

KASTRUP, Virgínia. **Aprendizagem, Arte e Invenção**, In Daniel Lins Org. Nietzsche e Deleuze. Pensamento Nômade. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado, 2001.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô**. Uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix 2007.

ROCHA, Silvia pimenta Velloso. **Tornar-se quem se é – a vida como exercício de estilo**. In Daniel Lins, Org. Nietzsche Deleuze. Arte e Resistência. Rio de Janeiro: Forensce 2007.

PLATÃO. **A REPÚBLICA**. São Paulo: Nova Cultural. 1997.